



Curso: Relações Internacionais

Vanusa Baca Da Natividade

**A atuação dos Estados Unidos da América no
Conselho de Segurança da ONU**
O caso Guerra do Golfo e suas consequências

Monografia apresentada
como requisito parcial
para a conclusão do
curso de bacharelado
em Relações
Internacionais do
UniCEUB- Centro
Universitário de Brasília

BRASÍLIA
2004

Vanusa Baca Da Natividade

**A atuação dos Estados Unidos da América no
Conselho de Segurança da ONU**
O caso Guerra do Golfo I e suas conseqüências

Banca Examinadora:

Prof. Tarciso Dal Maso Jardim
(Orientador)

Prof. Fernando Machado
(Membro)

Prof. Renato Zerbini
(Membro)

BRASÍLIA
2004

SUMÁRIO

Resumo..... I

Abstract..... II

Introdução..... 01

Capítulo 1-. O poder político internacional na visão realista e neo-realista.....08

Capítulo 2 – As ações iraquianas; as resoluções do Conselho de Segurança da ONU e a liderança estadunidense na formação de uma coalizão para expulsar os iraquianos do Kuwait.....15

2.1- O lado iraquiano da guerra.....21

2.2- O temor dos países vizinhos.....23

2.3-Os Acontecimentos pós guerra.....23

2.4-. A liderança dos Estados Unidos da América na coalizão da ONU.....25

2.5- A ação os Estados Unidos da América na guerra do Golfo.....28

2.6- A influência dos Estados Unidos da América na ONU.....31

2.7- A questão da legalidade do Conselho de Segurança.....	33
--	----

Capítulo 3 - Análise crítica da atuação dos Estados Unidos da América na Guerra do Golfo I.....	36
--	----

Conclusão	39
------------------------	----

Referências Bibliográficas	III
---	-----

Introdução

A Guerra do Golfo, iniciada em janeiro de mil novecentos e noventa e um por causa da invasão do Kuwait pelo Iraque em agosto de mil novecentos e noventa, pode ser considerada como a primeira grande guerra após o fim da Guerra fria.

O mundo vivia uma nova fase de distribuição de poder com o desmonte do comunismo soviético. Era o fim da bipolarização. Acreditava-se que uma nova ordem mundial estaria surgindo sob inspiração capitalista.

Os rearranjos geopolíticos na Europa e entre os países que circundavam o antigo império soviético comprovavam que uma nova configuração de forças se apresentava. Sem mais o jugo das armas, das bombas e dos soldados, diversos países iniciaram, por diversas razões: étnicas, políticas, religiosas, econômicas, dentre outras, movimentos separatistas, que tinham como objetivo reafirmar uma nova soberania.

No Oriente Médio, o fim da guerra entre Irã e Iraque, representou, igualmente, um espaço geopolítico característico do fim da guerra fria. Não havia mais um mundo bipolar. Logo, o confronto entre Estados Unidos da América e a União Soviética, por meio de duas nações distantes, não mais se justificava. Contudo, a luta de um Iraque com intenções expansionistas por mais território, não havia acabado. O objetivo no começo dos anos noventa não mais era atacar o Irã, mas o Kuwait, pequeno e supostamente fraco, política e militarmente, mas igualmente bem

localizado e rico em petróleo.

Ao atacar o Kuwait, o Iraque se mostrou desarticulado politicamente, e desinformado com os novos rumos que o mundo tomara. Acreditava que receberia o apoio das nações ocidentais, principalmente, dos Estados Unidos da América contra um país cujo regime era dinástico e ditatorial.

Esta monografia tem como hipótese que a Guerra do Golfo, serviu para demonstrar a existência de uma nova configuração de poder no mundo, de natureza bipolar e liderada pelos Estados Unidos da América.

O poder e a riqueza são complementares.¹ Sabe-se que o poder é uma condição necessária para se alcançar a abundância de riqueza, assim como a riqueza é necessária para se atingir a abundância de poder.

Nos anos quarenta, ao final da segunda guerra mundial, os Estados Unidos da América utilizou o seu poder e a sua riqueza para construir uma estrutura econômica compatível com o capitalismo norte-americano. Por outro lado, a força militar americana dependia de relações políticas e econômicas com a Europa ocidental e o Japão. Então, os interesses políticos e relativos à segurança dependiam dos rendimentos das economias européia e japonesa.²

¹ A distribuição de poder cria modelos de propriedade cuja a riqueza é produzida e distribuída, além do acesso aos recursos afetam as relações de poder de longo prazo. A interação entre riqueza e poder é dinâmica porque os dois são alterados de acordo com os regimes internacionais. A riqueza e poder não são exclusivos dos Estados.

² KEOHANE, Robert O, *After Hegemony- cooperation and discord in the world political economy*. Princeton University Press. Princeton, New Jersey p.25

Na década de setenta, quando a hegemonia norte-americana demonstrava sinais de declínio, os Estados Unidos da América, buscando reforçar sua influência política perante a comunidade internacional, propôs a criação da International Energy Agency – IEA, em mil novecentos e setenta e quatro.

O novo regime econômico internacional foi estabelecido entre as nações mais avançadas industrialmente do mundo; sendo fundamentado na questão da energia nuclear, envolta pela IEA. Essa fundamentação alavancou a liderança dos Estados Unidos da América após a primeira crise do petróleo, em mil novecentos e setenta e três.³

Os Regimes Internacionais são construídos principalmente pelos governos que buscam defender os interesses de seu país. Eles procuram por riqueza e poder, além de outros valores (desenvolvimento econômico, social e cultural).⁴ Como os Regimes Internacionais constituem elementos de uma ordem mundial, isto implica dizer que a formação de um Regime Internacional normalmente depende da hegemonia.⁵ Outra questão apontada pela chamada teoria da estabilidade hegemônica é que, para haver manutenção da paz, deve existir a continuação da hegemonia.⁶

³ Ibidem, p.16

⁴ Ibidem, p.8

⁵ É a preponderância de recursos materiais. Estes recursos são divididos em quatro. O controle sobre o capital, sobre o mercado, sobre a competitividade na produção de produtos de valores agregados e sobre matérias primas.

⁶ A ordem na política mundial é criada por um poder dominante.

Os realistas afirmam que os Regimes Internacionais⁷ foram baseados nos princípios impostos pelos Estados Unidos da América, além de afirmarem que o poder americano foi essencial para a construção e manutenção de seu país. Enfim, após mil novecentos e quarenta e cinco, os Regimes Internacionais foram fundamentados na hegemonia política dos Estados Unidos da América.⁸

Após a Segunda Guerra Mundial, na visão realista, a ordem econômica mundial era resultado da dinâmica estadunidense. Todos os países gravitavam em torno da economia norte-americana.⁹

Entretanto, por volta de mil novecentos e setenta e cinco, o domínio dos Estados Unidos da América na área econômica política estava perdendo espaço para o crescimento econômico da Europa e do Japão.¹⁰

Conforme o poder americano diminuía, o mesmo acontecia com os Regimes Internacionais. Entretanto, a decadência dos Estados Unidos da América era apenas parte da explicação para o enfraquecimento dos Regimes Internacionais.

O poder hegemônico tem, historicamente emergido após as guerras mundiais. Durante o período de paz, os países fracos e fortes têm a intenção de obter vantagens através da hegemonia.¹¹

⁷ Regimes Internacionais são regras, normas, princípios e procedimentos de decisão.

⁸ KEOHANE, Robert O, *After Hegemony- cooperation and discord in the world political economy*. Princeton University Press. Princeton, New Jersey p.9

⁹ Ibidem

¹⁰ As Estados Unidos da América começaram a mostrar sinais de decadência após a tentativa de se proteger contra o impacto da interdependência econômica. O valor investido pelos Estados Unidos da América na área militar tem diminuído depois da Guerra Fria.

Em seu livro *War and Change in world politics* (1981, p.212), Robert Gilpin determina o ciclo da hegemonia:

“(...) the conclusion of the hegemonic war is the beginning of another cycle of growth, expansion and essential decline”.

De acordo com Robert Keohane, há uma relação entre o poder militar e a hegemonia.¹²

Um Estado hegemônico deve ter um poder militar suficiente para ser capaz de proteger a política econômica internacional.¹³

A hegemonia também é importante na ampliação de mercados da economia política mundial. Porém, usufruir da força militar para atender a interesses nacionais diretamente é difícil, mesmo com ajuda de uma força de coalizão.¹⁴

Os Estados Unidos da América mesmo após a Segunda Guerra Mundial, não possuíam um poder militar tão grande quanto se pensava na época.¹⁵ Mesmo assim, entre 1945 e 1983, os Estados Unidos da América foram de longe a potência mais

¹¹ KEOHANE, Robert O, *After Hegemony- cooperation and discord in the world political economy*. Princeton University Press. Princeton, New Jersey p.12

¹² Ibidem, p.39

¹³ Durante e depois da Segunda Guerra Mundial, Os Estados Unidos da América usaram seu poder militar para assegurarem seu acesso ao petróleo do Meio Leste.

¹⁴ Ibidem

¹⁵ KEOHANE, Robert O, *After Hegemony- cooperation and discord in the world political economy*. Princeton University Press. Princeton, New Jersey p.40

forte militarmente, tanto que era o único país capaz de enfrentar a União Soviética ou intervir efetivamente em conflitos no Meio Leste.¹⁶

Na hegemonia, o país dominante protege os outros países em troca de respeito. Todavia, ao contrário de um império, o país dominante não pode impor uma regra sem o mínimo de consentimento dos outros países.¹⁷ No caso da guerra do golfo I, os Estados Unidos da América não poderiam determinar o número de soldados a serem enviados por cada país; esta decisão caberia aos países participantes da coalizão.

¹⁶ Ibidem, p.40

Capítulo 1 – O poder político internacional na visão realista e neo-realista.

Este estudo identificou na visão realista e neo realista das relações internacionais o seu reflexo na análise da atuação dos Estados Unidos da América na guerra do Golfo I.

Na visão realista de John George Stoessinger, o poder de um país se estende além do poderio militar.¹⁷ O poder pode ser avaliado pela posse de recursos naturais, pela grandeza de sua economia industrial, pela ideologia¹⁹, pelo número de pessoas que compõem este país e o grau de sua participação no sistema, pela natureza de seu governo e o modo como este usufrui da geografia, população e recursos naturais e por último a postura deste país em exercer sua liderança perante outros países , não esquecendo da imagem a ser projetada.

Stoessinger desenvolveu a idéia de poder baseado nos ensinamentos de outro autor tradicional da Escola Realista: Morgenthau.

Mas, o que é poder político? É o domínio da população, território, recursos naturais, tamanho da economia, forças militares e estabilidade política. Tradicionalmente, o teste de uma grande potência é a guerra. Mas, nos anos 1990 provou-se que o verdadeiro poder político é representado pelo domínio da tecnologia, da educação e do crescimento econômico. O melhor exemplo é o Japão.

¹⁷ Ibidem, p.46

¹⁸ STOEßINGER John George. *O poder das nações e a política internacional de nosso tempo*. São Paulo, Cultrix, 1975.

¹⁹ A ideologia é representada pelo caráter, pela cultura, história, moral e valores nacionais.

Por outro lado, o Japão, na área de segurança, depende do Estados Unidos da América contra Rússia e a China.

Em termos de recursos de poder, todas as nações são deficientes em algum aspecto, exceto os Estados Unidos da América. A Rússia economicamente ficou para trás e perdeu seu estado de superpotência, a China, apesar de seu crescimento, ainda tem as características de um país em desenvolvimento, a Europa, apesar de todos os avanços, carece de uma unidade política, o Japão é deficiente tanto em termos militares, quanto em apelo ideológico. O alcance dos recursos de poder dos Estados Unidos da América se estende pelas áreas: militar, econômica, científica, cultural e ideológica. O problema dos Estados Unidos da América: não é mais o quanto cresce o seu poder, mas a sua difusão pelo mundo. Todos os estados terão que confrontar a mudança da natureza do poder no mundo político.

A interdependência, portanto, é um grande fator de mudança. Tradicionalmente, o Estado é único grande e significativo ator no mundo político. Mas, atualmente, outros atores estão se tornando gradativamente importantes, como as transnacionais. Tradicionalmente, as forças militares garantem a sobrevivência de um Estado. Mas, hoje, a segurança está associada com a economia e com a ecologia.

Interdependência não significa harmonia, mas é, freqüentemente, um

diferente equilíbrio em diferentes esferas, como: segurança, comércio e finanças.

Tradicionalmente, a meta para se alcançar segurança e o instrumento da força militar estão ligadas à estratégia da balança de poder. Hoje, contudo, as questões econômicas e ecológicas envolvem grandes elementos de vantagens mútuas que somente podem ser alcançados por meio de cooperação.

Há diferentes estruturas de poder no sistema internacional. O poder militar, particularmente, o nuclear, é bipolar. Mas, no comércio, onde a Comunidade Européia age como uma unidade, a estrutura de poder é multipolar.

Recursos dos oceanos, dinheiro/finanças, espaço, navegação e tráfego aéreo cada um têm diferentes distribuições de poder. O poder dos Estados, então, varia, portanto, conforme o significado dos diferentes atores não-estatais nas mais diferentes esferas. Por exemplo, há o poder dos bancos privados.

No mundo político moderno, o poder militar, que está ligado à segurança e à sobrevivência, não é mais uma questão de maior pressão.

A fragmentação do mundo político em muitas e diferentes esferas tem feito dos recursos de poder algo menos transferível de esfera em esfera. Poder é algo menos custeável que dinheiro, muito mais nos dias de hoje do que no passado. O poder militar tem um custo muito elevado. O poder real deriva dos recursos de

poder. Mas, poder para quê?

As grandes potências de hoje são menos capazes de usar seus recursos de poder para alcançar seus propósitos do que as do passado. Em muitas questões, os atores privados e os Estados pequenos têm se tornado cada vez mais poderosos. Pelo menos cinco tendências têm contribuído para esta difusão de poder: interdependência econômica, atores transnacionais, nacionalismo em Estados fracos, a expansão da tecnologia, e as mudanças nas questões políticas.

A neo-realista, Susan Strange, define o poder como sendo “a habilidade de um agente ou grupo de agentes de afetar os resultados da interação de tal forma que suas preferências tenham precedência sobre as preferências dos outros agentes envolvidos”.²⁰ De acordo com Strange, há dois tipos de poder presentes na economia internacional: o poder relacional e o poder estrutural.²¹

O poder relacional é a capacidade de um ator fazer com que o outro realize algo que o primeiro não seria capaz de realizar.²²

O poder estrutural é o poder de escolher e moldar as estruturas da economia política global dentro das quais outros Estados, suas instituições e seus profissionais

²⁰ STRANGE, Susan. *The retreat of the state: the diffusion of power in the world politics* Cambridge Cambridge University Press, 1996. p.17

²¹ STRANGE, Susan. *State and markets: an introduction to international political economy*. New York: Basil Blackwell, 1988. p.24

²² Ibidem

têm que atuar. Com este tipo de poder é possível definir a agenda de discussão ou de desenhar o regime internacional de normas e costumes.²³

Mas, a maior contribuição de Strange é a sua representação das quatro dimensões do poder estrutural. A primeira dimensão se refere ao controle sobre a segurança; a segunda, ao controle sobre a produção de bens e serviços; a terceira, ao controle sobre crédito e a quarta e última ao controle sobre o conhecimento.²⁴

Ao usufruir as quatro dimensões do poder estrutural, o país detentor tem a capacidade de produzir mudanças no campo de escolhas de outros países com os quais possui algum tipo de relação. Essa ação ocorre de forma indireta e implícita. Indireta porque o país não age diretamente e sim através de seus profissionais e suas instituições e implícito, pois o interesse do país é tratado de forma subentendida,

Ao observarmos estes dois tipos de poder, nota-se que o primeiro, poder relacional atua em uma área bem mais ampla do que o poder estrutural. E, indo desde a esfera militar até o campo político social. Enquanto o poder estrutural tem seus domínios específicos.

²³ STRANGE, Susan. The persistent myth of lost hegemony. In: *International Organization Journal*. Cambridge. Cambridge University Press. Vol. 41. Issue. 4 . 1987

²⁴ STRANGE, Susan. *State and markets: an introduction to international political economy*. New York: Basil Blackwell, 1988. p.27

Outro teórico das relações internacionais, Professor Joseph Nye, um dos mais importantes neo-realistas da atualidade, descreve em seu livro *Bound to Lead*²⁵ que existem dois tipos de poder: o *hard power*, e o *soft power*.

O *hard power* é aquele poder capaz de ordenar um país a fazer o que o outro quer.²⁶

Após analisar as questões internacionais²⁷ que surgiram através na história da política internacional, Nye identificou uma nova forma de poder, o *soft power*.

O *soft power* é uma forma de poder não coercitiva e cooptativa. É a capacidade de um país cooptar outro de forma sutil, por intermédio da sua indústria cultural, das ações e operações ideológicas das instituições que atuam nesta área.

Para Nye, *soft power* é tão importante quanto o *hard power*. Consiste no uso do prestígio e da admiração que o país tem no cenário internacional. É a habilidade de um país de estruturar uma situação de forma que outros países desenvolvam preferências ou defina seus interesses de maneiras consistentes com os seus próprios meios. Esse poder tende a crescer de recursos como atração cultural e ideológica, bem como de regras e instituições de regimes internacionais.

²⁵ NYE, Joseph. *Bound to lead*. New York: Basic Books. 1990

²⁶ Este tipo de poder é característico da Escola Realista. É a maneira de usar a força para obrigar um país a fazer o que o outro quer, independente de sua vontade.

²⁷ Questões internacionais se referem a custos militares de intervenção em países fracos, porém detentores de um forte nacionalismo, e a interdependência transnacional.

Os Estados Unidos da América têm mais *soft power* que outros países. FMI, GATT, as multinacionais têm ações e posturas semelhantes as da ideologia liberal norte-americana.

A cultura, a moda, o cinema, a TV são recursos de *soft power* dos Estados Unidos da América, assim como, a tecnologia é o recurso de *soft power* do Japão, e as instituições democráticas são o recurso *soft power* da Europa.

Enfim, a forma final de ação diplomática não deve usar somente *hard power*, mas, sobretudo, *soft power*. Por causa do uso do *soft power*, os americanos nos anos 90 gastavam muito menos recursos com sua liderança internacional. Os Estados Unidos da América ainda retêm o maior percentual de recursos de *hard power* que qualquer outro país, mas também detêm *soft power* ideológico e recursos ideológicos para preservar sua liderança nos novos domínios da interdependência transnacional. O problema para os Estados Unidos da América depois da guerra fria será menos seus novos desafiadores, e mais os novos desafios que terá diante da interdependência transnacional.

Na guerra do golfo I, as tentativas do uso do *soft power* não foram bem sucedidas, já que os embargos e as sanções econômicas falharam. Entretanto, o *soft power* influenciou os países que formaram a coalizão liderada pelos Estados Unidos da América. Isso foi possível graças a fama dos americanos de “polícia mundial”, sua forma de formular estratégias militares e arsenal foram um grande

estímulo para os países da coalizão.

Capítulo 2 – As ações iraquianas; as resoluções do Conselho de Segurança da ONU e a liderança estadunidense na formação de uma coalizão para expulsar os iraquianos do Kuwait.

A guerra entre Iraque e a força coalizão formada sob a liderança dos Estados Unidos da América teve início em dezesseis de janeiro de mil novecentos e noventa e um e terminou em vinte e oito de fevereiro do mesmo ano, durando quarenta e quatro dias.²⁸

Segundo um site de pesquisas *on line*, a guerra pode ser dividida em três fases. A primeira fase seria a *ocupação iraquiana do Kuwait*. A segunda, iniciada imediatamente após a ocupação envolveu *o jogo diplomático e as sanções impostas pela ONU contra o Iraque* e finalmente a terceira, a guerra entre a força de coalizão e o Iraque.²⁹

As três fases da guerra são: antes da invasão, a invasão e ocupação iraquiana, a diplomacia dos Estados Unidos da América e a ONU e a terceira e última o ataque da força de coalizão.

A primeira fase ocorreu em meados de julho até primeiro de agosto de mil novecentos e noventa. O Iraque contestou perante a Liga Árabe a alta produção de

²⁸ STEVENSON, ADALAI E, *Os Estados Unidos na ONU: tempos de crise e esperança*, Editora Record, São Paulo, 1995, p.25

petróleo do Kuwait e União dos Emirados Árabes. Alegava que tal atitude havia resultado na brusca queda do preço do petróleo. O barril custava em média doze dólares, quando, de acordo com o Iraque deveria custar dezoito dólares.³⁰

Ao final do mês de julho cerca de cem mil soldados iraquianos se dirigiram para a fronteira com o Kuwait.

As negociações entre Iraque e Kuwait falharam.³¹

A segunda fase, invasão e ocupação iraquiana, a diplomacia dos Estados Unidos da América e a ONU teve início em dois de agosto de mil novecentos e noventa, às duas horas da manhã com a invasão do Kuwait³². A família real kuwaitiana foi para a Arábia Saudita no mesmo dia (a Arábia Saudita aceitou o pedido de exílio da família).

No mesmo dia também, o Conselho de Segurança criou a Resolução 660 com catorze votos a favor e nenhum contra. Esta resolução ordenava a imediata retirada das forças iraquianas.

²⁹ Disponível no site: www.theatlantic.com/issues

³⁰ Ver CORDESMAN, p.250

³¹ A tentativa de acordo entre os dois países foi conduzida pelos Estados Unidos Da América e líderes de países árabes, como a Arábia Saudita, Irã, pois eles acreditavam que Saddam Hussein aceitaria um acordo econômico racional preferivelmente a uma ação militar.

³² PATRIOTA, Antônio de Aguiar – *O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a articulação de um novo paradigma de segurança coletiva*- Brasília: Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998; p.36

No dia três de agosto do mesmo ano, a Liga Árabe condenou o Iraque pela agressão ao Kuwait por catorze votos a favor e cinco abstenções.³³

Em seis de agosto do mesmo ano, o Conselho de Segurança criou a Resolução 661 por treze votos a favor, impondo sanções econômicas e embargos ao Iraque.³⁴ As forças aéreas dos Estados Unidos da América e soldados americanos se dirigiram à Arábia Saudita.³⁵

Em oito do mesmo mês no respectivo ano, o Iraque anexou oficialmente o Kuwait como sua décima nona província.³⁶

No dia doze do mesmo mês de mil novecentos e noventa, Saddam Hussein ofereceu um acordo onde o Iraque se comprometia a se retirar do Kuwait se Israel se retirasse das terras ocupadas no Líbano, Síria e Palestina.³⁷

No dia oito de novembro, os Estados Unidos da América intensificaram sua presença no Golfo Pérsico, passando de vinte mil soldados a cem mil soldados.³⁸

Onze dias depois, o Iraque enviou mais cem mil soldados para o Kuwait.³⁹

³³ Ver CORDESMAN, p. 267

³⁴ Nenhum país membro das Nações Unidas poderia exportar armas para o Iraque e nem importar qualquer produto iraquiano.

³⁵ Com o posicionamento das forças americanas na Arábia Saudita, ficava mais fácil evitar o avanço das forças iraquianas

³⁶ WEISS, Forsythe Coate, *The United Nations and a Changing world politics*, 1994, p.40

³⁷ Disponível no site: www.Altavista.com/dictionaryofthemiddleeast

³⁸ Ibidem

³⁹ Ibidem

Em vinte e nove de novembro de mil novecentos e noventa, o Conselho de Segurança estipulou um prazo para a retirada das forças iraquianas. Este prazo seria até o dia quinze de janeiro do ano seguinte.⁴⁰

Em quinze de janeiro de mil novecentos e noventa e um o prazo expirou, mas o Iraque permaneceu no Kuwait.⁴¹

A última etapa da guerra foi o ataque da força de coalizão. Esta fase é dividida em duas partes: a campanha aérea e a campanha terrestre.⁴² A campanha aérea é marcada pela Operação Tempestade no deserto.⁴³ Esta operação foi iniciada em dezesseis de janeiro de mil novecentos e noventa e um. A força de coalizão do Kuwait atacou o local onde estavam posicionadas as forças iraquianas com bombas guiadas por satélites e mísseis dos Estados Unidos da América.

Dois dias após o início da Operação, o Iraque bombardeou as cidades de Telaviv e Haifa, em Israel.⁴⁴

⁴⁰ Foi a chamada de “Pausa da boa vontade”. Com duração de sete semanas, foi introduzida por insistência do Presidente da ex União Soviética, Gorbachev na Resolução 678. Esta resolução determinava o total cumprimento da Resolução 660 e autorizava os membros da ONU a usarem todos os meios necessários para garantir o cumprimento da Resolução 660 e todas as resoluções subsequentes a fim de restaurar a paz e a segurança no Kuwait

⁴¹ Disponível no site: [http:// i-cias.com](http://i-cias.com)

⁴² Ibidem

⁴³ A Operação Tempestade no deserto não poderia haver sido conduzida sem o planejamento cuidadoso e tecnologicamente sofisticado de um Estado Maior militarmente desenvolvido – aqui representado pelos força de coalizão do Kuwait. Em contraste com a lógica diplomática do acionamento da segurança coletiva embutida no Capítulo VII da Carta das Nações, que se manifesta por uma escalada de ameaças crescentes até o transporte da entrada de uma coerção armada, a operação contra o Iraque foi fruto de um processo independente de preparação de um contra- ataque.

⁴⁴ Disponível no site: <http://www.state.gov>

No dia quinze de fevereiro do mesmo ano, o Iraque anunciou que acataria a Resolução 661 **se** Israel se retirasse dos territórios ocupados na Síria, Palestina e Líbano e reivindicou o direito de voto na escolha do novo governante do Kuwait.⁴⁵

Em vinte e três de fevereiro, o Iraque declarou que retiraria suas forças do Kuwait sem impor condições.⁴⁶

Após este dia, o Iraque iniciou a incineração dos poços de petróleo kuwaitianos.⁴⁷

A campanha terrestre começou em vinte e quatro de fevereiro de mil novecentos e noventa e um com a batalha entre a força de coalizão do Kuwait e os soldados iraquianos.

Um dia depois do começo da campanha, o Iraque prevendo sua derrota, declarou que se retiraria do Kuwait acatando a Resolução 660.⁴⁸

Em vinte e seis de fevereiro os soldados deixam a cidade do Kuwait.⁴⁹

No dia vinte e oito de fevereiro do mesmo ano, às sete horas e quarenta minutos, as forças aliadas finalizam sua luta e um cessar fogo é estabelecido.⁵⁰

⁴⁵ O Kuwait possui um tipo de democracia (presente até hoje) onde a maior parte do poder fica concentrado nas mãos de um príncipe. Como Saddam Hussein tinha influência com as mais importantes famílias do Oriente Médio, o estado do Kuwait poderia ser governado por Saddam, indiretamente.

⁴⁶ Disponível no site: [http:// www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/history/gulf_war.html](http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/history/gulf_war.html)

⁴⁷ Ibidem

⁴⁸ Ibidem

⁴⁹ Ibidem

Consoante um site especializado na história da guerra do golfo, a guerra foi além dos campos de batalha- atingiu a mídia.⁵¹ A disputa alcançou os meios de comunicação com tanta ferocidade que foi considerada uma guerra a parte. Enquanto o Kuwait possuía os melhores comentaristas para apresentar sua versão na guerra, a fim de assegurar a audiência internacional, isto inclui a população civil e os políticos, o Iraque apostou em sua própria mídia. As cenas em que Saddam Hussein⁵² bate em crianças iraquianas sempre ficará na História da política internacional de seu país. Se um líder político agride seu povo, quiçá um inimigo.

A maneira com que o Kuwait lidou com as informações de sua versão da guerra foi criticada posteriormente; pois sabe-se que a maior parte dos acontecimentos mostrados foram supostamente manipulados.⁵³ Mesmo assim, o Kuwait venceu a batalha das mídias. Esta batalha era parte do processo que culminaria na *guerra real*.⁵⁴

Esta guerra real usou a mídia durante os dois primeiros meses de mil novecentos e noventa e um. Isso foi possível graças a existência de um satélite da emissora estadunidense CNN no local, permitindo ao público assistir à guerra ao vivo.

No campo de batalha, a guerra entre a força de coalizão do Kuwait e o Iraque foi uma das mais desequilibradas. Enquanto os soldados da força de coalizão

⁵⁰ O cessar fogo foi possível graças a Resolução 686 de dois de março de mil novecentos e noventa e um

⁵¹ Ibidem

⁵² Presidente do Iraque

⁵³ Disponível no site: www.psqonline.org/cgi.bin

⁵⁴ Guerra real é aquela que se disputa com armas.

contabilizavam suas baixas em algumas centenas, as iraquianas perderam em torno de sessenta mil soldados.⁵⁵ A força iraquiana era uma das mais fortes no Meio Leste; e havia lutado bem contra os países europeus durante a Guerra do Golfo I, mas contra os Estados Unidos da América e a força de coalizão, a alta tecnologia provou ter alcançado um nível mais elevado do que as forças militares convencionais – como as do Iraque, que foram totalmente derrotadas

A guerra durou muito tempo, levando em consideração o desequilíbrio militar. Há uma ligação entre a paciência da força de coalizão e suas pequenas baixas: nas cinco primeiras semanas a força de coalizão bombardeou os locais militares do Iraque, facilitando a rápida campanha no campo de batalha no final do mês de fevereiro de mil novecentos e noventa e um.

Os Estados Unidos da América estavam incertos enquanto a duas questões: Um Saddam Hussein fraco resultaria em um Iraque fraco? E, um novo regime rapidamente desintegraria o país em uma região xiita, outra sumita e uma curda, deixando o Islamismo e o anti-americanismo do Irã ainda mais forte na região?

As conseqüências da guerra responderiam estas indagações.

⁵⁵ Ibidem, p. 267

2.1 O lado iraquiano da guerra

Para o Iraque, havia muitas razões para ter invadido o Kuwait. A primeira é que o Iraque nunca aceitou de fato o Estado do Kuwait, pois considerava o estado kuwaitiano uma parte natural das terras dos rios Tigre e Eufrates. Oficialmente o Iraque aceitou o Kuwait.⁵⁶ Tensões ocorreram a respeito das reservas de petróleo às margens dos dois rios, o Iraque contestava o suposto esgotamento das reservas de petróleo por parte do Kuwait, segundo o Iraque estas reservas pertenciam a ele, pois as reservas se localizavam no lado iraquiano dos rios.

O Iraque contestou este esgotamento em dois de agosto de mil novecentos e noventa.⁵⁷ Nesta época, o Kuwait foi responsável pela queda do preço do petróleo – pois o estado estava produzindo muito petróleo, muito além das cotas impostas pela *Organization of Petroleum Exporting Countries, OPEC* - o que acarretou em uma crise econômica para o Iraque, já que este país não tinha outro produto para exportar e ainda estava extraíndo petróleo em uma grande quantidade, quase perto de sua capacidade máxima. O país ainda impugnou por uma parte do território kuwaitiano, assim teria mais terras ricas em petróleo, podendo dirimir a crise econômica causada pelo Kuwait. Ainda, queria anexar uma importante ilha kuwaitiana com o objetivo de criar um transporte melhor para seus produtos, e ainda, esta ilha tinha a vantagem de não ter fronteira com o Irã.

⁵⁶ STEIN, Janice Gross Deterrence and Compellence in the Gulf, 1990-1991, *International Security*, Fall, 1992 (vol 17, nº 2)

⁵⁷ Em 1899, o Kuwait assinou um acordo com a Inglaterra que seu limite seria demarcado pela Convenção Anglo Turca de 1913. Em 1921, quando o Iraque foi criado como um estado distinto, o Kuwait já existia pôr mais de duas décadas como colônia Beduína.

É uma boa razão acreditar que o ataque ao Kuwait foi a maneira que o país encontrou para ganhar mais território, já que não o conseguiu na guerra contra o Irã. Os resultados da guerra, Irã e Iraque foram apenas perdas econômicas e humanas.⁵⁸

2.2O temor dos países vizinhos do Iraque

O mais importante argumento para a coalizão da ONU atacar o Iraque foi o temor da vizinhança iraquiana produtora de petróleo. O Iraque de Saddam Hussein poderia invadi-la na próxima etapa da guerra, se o país não fosse contido no Kuwait.

O outro argumento para justificar o ataque era emocional.⁵⁹ Saddam era considerado um ditador do mal, que havia surgido para destruir a pacífica vizinhança.⁶⁰

Essas razões foram somadas às campanhas da imprensa- anteriormente explicadas , então, a guerra foi definida entre o bem e o mal.

2.3 Acontecimentos pós guerra

Em três de março de mil novecentos e noventa e um uma trégua provisória foi aceita por Saddam Hussein⁶¹.

⁵⁸ Disponível no site: www.thegulfwar.com

⁵⁹ ATINSON, Rick. *Crusade: the untold story of the gulf war*. Boston, 1993. p.46

⁶⁰ O Iraque invadiu o Kuwait com a pretensão de estabelecer uma soberania perante o Golfo Pérsico

Em seis de abril ocorreu o cessar fogo permanente. O Iraque concordou em pagar os estragos no Kuwait, destruir suas armas químicas e biológicas, assim como suas armas de destruição em massa. Nos anos seguintes a ONU enfrentaria dificuldades em monitorar o cumprimento desse acordo.⁶²

Em cinco de agosto de mil novecentos e noventa e seis os Estados Unidos da América publicaram um relatório concluindo que os soldados que participaram da coalizão militar que defendeu o Kuwait – especialmente os americanos – TALVEZ teriam sido expostos a armas químicas. Os soldados após terem retornado aos Estados Unidos da América teriam dito possuírem sintomas inexplicáveis pelos médicos. As forças turcas e francesas relataram terem encontrado armas químicas durante as duas primeiras semanas da guerra do Golfo I.⁶³

Esta última informação foi questionada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América.⁶⁴

⁶¹ O Iraque aceitou as condições que a Resolução 686 impunha. São elas: a renúncia da anexação do Kuwait, a concordância em pagar os estragos causados pela guerra; a libertação dos prisioneiros; remoção das minas instaladas no Kuwait; devolução das propriedades roubadas do Kuwait e a interrupção dos atos de hostilidade contra outros países e partidos políticos, incluindo ataques de mísseis e combates aéreos.

⁶² O Conselho de Segurança decidiu através da Resolução 687 de três de abril de mil novecentos e noventa e um a incondicional destruição, remoção e neutralização de todas as armas nucleares e similares; determinou o fornecimento de um relatório sobre tais armas e criou uma Comissão Especial – UNSCOM – a fim de verificar o cumprimento desta *in situ*. O Iraque inviabilizou tais missões.

⁶³ Disponível no site: <http://i-cias.com/e.o/gulfwar.htm>

⁶⁴ A questionamento se referia ao achado das pequenas forças turcas e francesas. O Departamento de Defesa não aceitou a idéia de outros soldados, se não os americanos terem encontrado tais armas. Sabe-se que os Estados Unidos da América enviaram mais soldados do que outros países.

2.4 A liderança dos Estados Unidos da América na coalizão da ONU

Nos governos de Jimmy Carter e George W. Bush, Saddam Hussein era visto com certo desgosto, porém de vital importância na região do Golfo Pérsico, tanto pelas reservas de petróleo quanto por seu regime *Baathist* (que tem uma natureza socialista) , cuja função (na visão norte americana) era conter o radicalismo iraniano e a proliferação da revolução do Islamismo. Somente com o fim da Guerra Fria e com a invasão do Kuwait, os Estados Unidos da América começaram a tratar o Iraque como um problema de segurança regional e provável responsável pelas reservas de petróleo no Oriente Médio.⁶⁵

Primeiramente deve-se analisar o motivo que levou os Estados Unidos da América a entrarem em uma guerra contra o Iraque e ainda o porquê de ter liderado a coalizão responsável pela retirada das forças iraquianas do Kuwait.

Em se tratando da primeira questão, deve-se observar com minúcia o que estava em disputa na guerra: petróleo. Entretanto, não é só esse o único motivo para os Estados Unidos da América enviarem quinhentos mil soldados para o Golfo Pérsico. Outros possíveis aspectos para esta resposta incluem ainda “uma nova ordem mundial”; segurança coletiva; interdependência; presunção de uma hegemonia regional e a reversão do declínio da América.⁶⁶

⁶⁵ SINGH, Robert Iraq and US National Security Strategy after 9/11, disponível no site: <http://conconflits.ssrc.org/iraq/singh>

⁶⁶ NYE, Joseph, *Why the Gulf War served the National interest*, The Atlantic Monthly; july 1991, vol. 268 n° 1, p.56

Os Estados Unidos da América definiram bem o seu *interesse nacional* ⁶⁷. Na verdade, no caso do Golfo, o interesse estratégico é igual ao interesse nacional.⁶⁸ O interesse nacional não é decidido unilateralmente, e sim após um debate entre a maioria da população (representada pelos políticos), decidindo assim o que será legítimo perante a comunidade internacional.

Na visão realista, sempre houve a negação de que alguns valores podem ser parte do interesse nacional. Os autores realistas preferem identificar o interesse nacional com a estratégia nacional. Os realistas estão certos em avisar que os custos da estratégia dificultam a satisfação de algumas preferências moralistas, mas, em uma democracia, os especialistas não têm o direito de afirmar que suas preferências amorais são o único meio correto de definir o interesse nacional.⁶⁹

A maioria da população civil americana quer segurança, seja dentro de seu país, ou fora dele (incluindo é claro, suas fronteiras), pois parte dos produtos que esta população consome sai dos países ao longo de seus limites. Contudo, estes indivíduos se importam em definir seus valores, imagem e identidade, a fim de afirmar através de seu governo, qual sua postura em relação a assuntos como democracia, direitos humanos ou senso de orgulho nacional.⁷⁰

⁶⁷ O interesse nacional é a relação dos Estados Unidos Da América com o resto do mundo. É um interesse mais amplo do que o interesse privado, ainda é mais amplo do que a ameaça geopolítica

⁶⁸ O interesse estratégico é a arte de aplicar os meios disponíveis- política, tropas militares, acordos bilaterais e multilaterais – com vista a objetivos específicos

⁶⁹ Ver NYE p.58

⁷⁰ Ibidem, p.60

Joseph Nye⁷¹. afirma que a população americana divide seu interesse na ordem mundial. Porém uma pergunta é levantada. Por que os americanos se importariam com a ordem em países distantes do globo? A resposta é um tanto simples: até mesmo uma desordem distante de seu país pode ter efeitos que influenciam ou causam distúrbios na maioria da população que vive nos Estados Unidos da América. Estes aspectos estão reunidos e sendo transmitidos dentro da “crescente interdependência” entre os países do globo. Então, fica mais difícil isolar o que acontece nos Estados Unidos da América sem a influência dos fatos ocorridos no mundo.

Existem várias formas de interdependência ⁷²: econômica, militar, social e ecológica. A troca de tecnologia de comunicação e transporte tem um revolucionário impacto na interdependência econômica, por exemplo.⁷³

A interdependência social e ecológica vem crescendo consideravelmente, desde quando ocorreu o vazamento da radioatividade de Chernobil na antiga União Soviética. Mas a ameaça à camada de ozônio ou o aquecimento global estão presas às práticas domésticas de alguns países.⁷⁴ A solução para impedir que os

⁷¹ Ordem mundial é o mesmo que paz na comunidade internacional.

⁷² Consoante com James ROSENAU em seu livro *Pre-theories and theories of foreign policy. The scientific study of foreign policy*. London: the free Press Mcmillian, 1971” a interdependência deve ser entendida no sentido de que a ação de um ator tem impacto na realidade internacional e, consequentemente, pode afetar os demais atores, ainda que ela seja assimétrica, uma vez que as capacidades dos atores pode influenciar os acontecimentos do cenário internacional “. Segundo o mesmo autor, o período pós guerra marca a dissolução das fronteiras entre o sistema nacional e o surgimento de um sistema político penetrado.

⁷³ Este impacto é decorrente do crescente investimento em tecnologia dos países desenvolvidos. Assim, quando o produto final – exemplo *software*- fica pronto, a tecnologia é vendida a um preço acima do valor de custo para os países em desenvolvimento que não possuem esta tecnologia.

⁷⁴ Um fato que se pode tirar proveito é a não ratificação do Protocolo de Kioto por parte dos Estados Unidos da América. A política doméstica dos Estados Unidos da América não permite que suas indústrias diminuam seus lucros para diminuir a taxa de monóxido de carbono mundial.

problemas domésticos se espalhem para outros países requer uma cooperação entre eles.

Os Estados Unidos da América têm duas simples razões para terem como interesse nacional reduzir a desordem além de seus limites. A primeira é que algo que acontece fora da fronteira americana pode enfraquecê-los. A segunda, os Estados Unidos da América podem influenciar os distantes governos em uma série de questões como: proliferação de armas de destruição em massa, terrorismo, drogas e até em relação a estragos ecológicos. Entretanto, para que esta influência ocorra, é necessário possuir poder.⁷⁵

2.5 A ação os Estados Unidos da América na guerra do Golfo

As três razões que levaram os Estados Unidos da América a pararem com a política de não opinar nos conflitos árabes foram: petróleo, ordem e proliferação de armas.⁷⁶

O petróleo não é o mais importante, apesar de ser, entre os três, o único palpável. O petróleo é responsável por quarenta por cento da energia que abastece os Estados Unidos da América, sendo que, dos quarenta e cinco por cento da porcentagem responsável por este abastecimento apenas um quarto das importações provêm do Golfo Pérsico, então, pode-se concluir que a energia americana depende do Golfo Pérsico em menos de cinco por cento. Após a crise do

⁷⁵ Ver NYE, p.62

⁷⁶ Ibidem

petróleo de mil novecentos e setenta, os Estados Unidos da América gastaram vinte bilhões de dólares desenvolvendo um reservatório de petróleo.⁷⁷

Olhando diretamente, os efeitos diretos causados pela falta de petróleo ou sua alta de preços nos Estados Unidos da América seriam irrelevantes se comparado por exemplo com o Japão, que depende do petróleo do Golfo Pérsico em trinta e sete por cento, porém é necessário focar a análise pelo lado da interdependência econômica. O petróleo é um produto cujo o preço flutua. Como o mercado mundial depende do Golfo Pérsico, em caso de guerra os preços iriam aumentar rapidamente e todos os países pagariam mais caro pelo petróleo, incluindo os Estados Unidos da América. Este aumento de preço poderia estimular uma inflação e/ou depressão em países fracos e até fortes igualmente, o dano dependerá do grau de interdependência e da administração do governo de cada país.⁷⁸

O aumento de preço do petróleo tem dois tipos de efeitos indiretos na economia dos Estados Unidos da América: haveria uma elevação na importação do produto e ocorreriam choques que, conseqüentemente, interromperiam o crescimento da economia⁷⁹. Supondo que Saddam Hussein determinasse o novo preço a vinte e sete dólares o barril, a importação estadunidense cresceria cerca de

⁷⁷ Só a título de ilustração, em agosto de mil novecentos e noventa, este reservatório continha seiscentos milhões de barris, ou seja, isso representava aproximadamente um ano de importação do petróleo vindo do Golfo Pérsico.

⁷⁸ Ver NYE, p.63

⁷⁹ Os choques que o petróleo poderia causar é denominado “Efeito Macro econômico”

vinte bilhões por ano. Isto representa menos que um por cento do PIB americano, mas seria um gasto desnecessário.⁸⁰

Já que o efeito indireto não seria tão significativo para os Estados Unidos da América, por que então entrar na guerra ?

A resposta pode ser a aliança que o país possui com Israel. Esta resposta está relacionada à “ordem mundial”. Os Estados Unidos da América são um país formado por imigrantes e isso o legitima a ter uma postura favorável com países que possuem um povo com mais de uma naturalidade, que é o caso de Israel, que possui Palestinos e Israelenses. O apoio americano a Israel é baseado nas crenças religiosas dos cristãos, é também uma forma de amenizar a culpa pelo Holocausto e ainda, os Estados Unidos da América têm uma admiração pela democracia israelense. Mas estes fatores não significam que o interesse nacional norte americano seja igual ao israelense. Dependendo do comportamento de Israel, é plausível pensar que um dia os Estados Unidos da América possam decidir atenuar as relações entre os dois países.⁸¹

Com a ameaça do Iraque aos Países Árabes, os Estados Unidos da América se preocuparam com as armas de destruição em massa. O risco destas armas

⁸⁰ Ver NYE, p.63

⁸¹ Ibidem

caírem em mãos erradas – como grupos terroristas – foi um fator a ser considerado pelos Estados Unidos da América e que vai além das rotineiras ameaças a Israel.⁸²

O interesse intangível da “nova ordem mundial” descreve o fim da Guerra Fria. Desde o desenvolvimento de um sistema de Estado moderno, a estrutura de distribuição de poder na política mundial é consequência das maiores guerras e tratados associados a estabilidade americana. Por meio século, o balanço de poder na política mundial reflete o resultado da Segunda Guerra Mundial. A preponderância dos Estados Unidos da América e da ex União Soviética foi conhecida como bipolaridade.⁸³

Em um discurso em Amã, Saddam Hussein reconheceu o declínio da União Soviética no qual concluiu que o Kuwait foi uma das vítimas do fim da “Nova ordem” pós Guerra Fria.⁸⁴

2.6 A influência dos Estados Unidos da América na ONU

Pela primeira vez o Conselho de Segurança não foi paralisado em decidir sobre uma questão de segurança coletiva por um veto. As Resoluções do Conselho de Segurança não foram um simples caso de manipulação americana, muitos países

⁸² QUIGLEY, John. *The United Nations Security Council; promethean protector or helpless hostage?* In: Texas International Law Journal, vol.35 p.143

⁸³ Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo ficou dividido entre duas potências: Estados Unidos Da América e União Soviética e seus regimes, Capitalista e Socialista, respectivamente. Atualmente, o mundo está dividido em Blocos Econômicos: MERCOSUL, União Européia, NAFTA, e futuramente ALCA. Isso sugere um mundo multipolar – onde várias nações reunidas em um bloco têm poder. A importância da presença dos Estados Unidos da América tem diminuído nestes anos, prova disto é o fortalecimento da UE na comunidade internacional.

⁸⁴ HUSSEIN, Saddam, *Speech to the Arab Summit* Baghdad Domestic Service, February, 13th, 1990, Foreign Broadcast Information Service, Near East p.6

com as fronteiras ameaçadas viram como interesse nacional o repúdio à declaração do Iraque. Esta declaração determinava como seria organizada a invasão e suas justificativas para estar agindo de tal maneira.⁸⁵

Mesmo os Estados Unidos da América tendo um interesse nacional em disputa, por que não deixar a ONU decidir ? Se os Estados Unidos da América tivessem que assumir um papel de “polícia mundial”, não o fariam sozinhos. Trabalhar junto com a ONU e ter outros países para dividir os custos da guerra faz parte do jogo da política externa. Porém assumir que a ONU é uma entidade a parte capaz de impor ordem por ela mesma é errado. A ONU é o reflexo de seus membros e os Estados Unidos da América são de longe o maior contribuinte entre os seus associados.⁸⁶

Contar com o apoio da ONU ao invés de agir unilateralmente pode limitar qualquer ação amoral por parte dos Estados Unidos da América, além de diminuir a imagem de “polícia mundial”.⁸⁷

⁸⁵ Ver NYE, p.64

⁸⁶ Em mil novecentos e quarenta e seis, a ONU recebeu oito milhões e meio de dólares de um cidadão americano – John Rockefeller Junior – para serem utilizados na compra do terreno que a ONU agora ocupa em Nova Iorque, como sede da organização. Na realidade, entre mil novecentos e quarenta e seis e mil novecentos e sessenta e três, os americanos contribuíram através de seus impostos com mais de dois bilhões de dólares para o sistema da ONU.

⁸⁷ MANGONE, Gerard J. *A política externa dos Estados Unidos Da América e as Nações Unidas*. In: BAILEY, Stedhen K. *Política e governo americano*, 1990, p.224

2.7 A questão da legalidade do Conselho De Segurança

Para compreender melhor as Resoluções do Conselho de Segurança tomadas durante a Guerra do Golfo I, é necessário saber que estas tiveram como base legal o Direito de Uso da Força⁸⁸. Sabe-se que é proibido recorrer ao uso da força em caso de conflito, salvo em três casos: Autodefesa, Autorização do Conselho de Segurança e Intervenção humanitária. As duas primeiras exceções foram estabelecidas pela própria CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS e a última é resultado do desenvolvimento do direito internacional.

A Autodefesa consiste, de acordo com o artigo 51 da CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, em conceder a um estado seu direito natural de autodefesa individual ou coletivo contra um ataque armado ocorrido contra sua integridade territorial ou independência política.

A Autorização do Conselho de Segurança decorre no Capítulo VII da CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, segundo estabelece que o Conselho de Segurança pode considerar um certo fato como um ato de agressão, uma ruptura à paz ou ainda a quebra da paz. Se ocorrer qualquer uma das três situações, o Conselho de Segurança pode determinar sanções contra o estado que infringiu os princípios da CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS. Estas sanções podem ser econômicas e até militares. Se forem econômicas, o Estado sofrerá um embargo, no caso de sanções militares, estas incluem coalizões formadas pelos países membros da ONU.

A Intervenção humanitária somente ocorre quando há um acontecimento humanitário calamitoso fora das formas. Isso significa um número considerável de pessoas correndo perigo.⁸⁹

De posse destas informações, fica claro perceber que o Iraque agiu contra as regras de direito internacional, e que o Conselho de Segurança atacou o Iraque com base em sua própria autorização.

Todavia, a Intervenção Humanitária foi usada como justificativa pela coalizão da ONU para atacarem as forças iraquianas ao norte e ao sul do Iraque sem a expressa autorização do Conselho de Segurança. Este ataque foi decorrência da gigantesca repressão a minoria curda ao norte e ao sul, a minoria xiita. A atuação do Conselho de Segurança neste caso foi a Resolução 688 de cinco de abril de mil novecentos e noventa e um que condenava a repressão iraquiana a população civil e ainda ordenava que o Iraque permitisse o acesso de organismos humanitários (Cruz Vermelha) àqueles que necessitavam de sua assistência.⁹⁰ Este ataque causou uma grande massa de refugiados que tentavam cruzar a fronteira com a Turquia.

A Resolução 1441 de oito de novembro de dois mil e dois é um dos fatores que contribuíram para o impasse entre as potências – principalmente Estados

⁸⁸ CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, Artigo 2 item 4. De acordo com o presente Artigo, o Direito Internacional proíbe o uso da força ou ameaça do uso da força contra a integridade territorial ou independência política de qualquer Estado.

⁸⁹ Vale ressaltar que o Conselho de Segurança é inerte e incapaz de tomar as providências necessárias. Portanto somente uma força militar pode impedir tal catástrofe.

⁹⁰ KOTÉZ, Daniel Naum Sobral *Questão da Legalidade do Conselho de Segurança*, disponível no site: www.jus.com.br/images/2X2

Unidos da América e Grã Bretanha- e Saddam Hussein. O não cumprimento da Resolução 1441 culminou na Guerra do Golfo II.⁹¹

⁹¹ A Resolução 1441 dispõe sobre o total desarmamento do Iraque. Esta também se refere ao total acesso da UNMOVIC e IEA a meios de transportes e documentos e ainda que os países membros do Conselho de Segurança avisaram ao Iraque que se este não cumprisse com suas obrigações, teria que enfrentar as consequências.

Capítulo 3 – Análise crítica da atuação dos Estados Unidos da América na Guerra do Golfo I

Os Estados Unidos da América agiram movidos pelos seus interesses nacionais. Essa ação teve como resultado uma coalizão militar formada pelos membros da ONU e liderada pelos Estados Unidos da América.

Infere-se portanto que houve a renúncia do *soft power*, já que foi usado um meio coercitivo para dar fim ao desentendimento entre Iraque e Kuwait.

Um dos poderes usados foi o *hard power*, pois a vontade de vencer o Iraque fez com que até países que mantinham boas relações com o Iraque fizessem parte da coalizão. Este foi o caso da Rússia.⁹²

O poder estrutural foi empregado em suas duas dimensões. Na esfera do controle sobre a segurança e sobre a produção de bens e serviços.

O controle sobre a segurança pode ser demonstrado através das Comissões Especiais (criadas pelo Conselho de Segurança) responsáveis em monitorar e ordenar extinção das armas de destruição em massa, impedindo que o Iraque reestruturasse seu arsenal.

⁹² A Rússia mantinha com o Iraque um Tratado de amizade e cooperação, além de ter investido bilhões de rublos no país, onde se encontravam alguns milhares de acessórios militares. A liderança soviética não se sentiu obrigada a manifestar apoio ao Iraque (o que seria plausível), por não haver sido advertida da eminência da invasão do Kuwait.

Já o controle sobre a produção de bens e serviços, o programa Oil- for- Food⁹³ é um fato que o comprova. Este programa permitia que qualquer país importasse petróleo e derivados iraquianos. O produto da exportação iraquiana (petróleo e derivados) tinha como objetivo prover a população com remédios, material sanitário, alimentos, entre outras necessidades básicas.⁹⁴

O poder relacional não pode ser incluído ao analisarmos os Estados Unidos da América, pois eles não influenciaram nenhum país a entrar em guerra por se julgarem incapazes de lutar. Os Estados Unidos da América apenas não queriam entrar em guerra sozinhos.

Com o resultado da guerra – a vitória da coalizão da ONU, o mundo vive sob uma nova estabilidade hegemônica, tanto na área econômica, quanto na militar.

Na esfera econômica, o globo foi dividido em três partes: americana, européia e japonesa.⁹⁵

Para Nye, “o próprio valor e utilidade da guerra são questionados como uma maneira de adquirir poder político, territorial, diplomático e econômico, existindo

⁹³ O programa foi criado pela R986 do Conselho de Segurança de catorze de abril de mil novecentos e noventa e cinco.

⁹⁴ A partir deste momento, o Conselho de Segurança passou a administrar o fluxo de petróleo iraquiano.

⁹⁵ Com o avanço econômico da China, será natural que o país também faça parte da nova hegemonia.

entre estes poderes alianças anteriores onde se compartilham inúmeros valores comuns”.⁹⁶

Na esfera militar, os Estados Unidos da América continuam tendo o domínio.⁹⁷ Este domínio é decorrente do poder estrutural. A presença de bases militares americanas em áreas estratégicas espalhadas pelo mundo é vantajosa para os norte americanos. Vantajosa porque com a presença de norte americanos nestas áreas, os Estados Unidos da América poderão ter acesso a informações sobre o desenvolvimento militar daquele país, podendo antecipar-se em caso de conflito.

A guerra do golfo I confirmou que o equilíbrio de poder é alicerçado principalmente na força militar. Prova disso, foram as inúmeras tentativas de acordo entre os países beligerantes e os embargos econômicos.

⁹⁶ NYE JR, Joseph S. *Conflicts after the cold war*” The Washington Quarterly, 19(1), Winter 1996, p.10

⁹⁷ Ibidem, p.19

Conclusão

A atuação dos Estados Unidos da América na guerra do golfo I pode ser compreendida através do Poder estrutural, principalmente nas esferas da segurança e produção de bens e serviços.

Entretanto, essa atuação traz conseqüências presentes até os dias atuais.

Exemplo das conseqüências é a guerra do golfo II. Desta vez, Bush usou como argumento para atacar o Iraque, o suposto arsenal de destruição em massa escondido por Saddam Hussein.

Houve uma má definição dos interesses mundiais ao invés de interesses nacionais. Os interesses dos Estados Unidos da América prevaleceram sobre os interesses dos demais países e a população civil mundial. A intenção de Bush era concluir o que o pai almejava – tirar Saddam do poder, por exemplo.

O tipo de poder ideal, em minha opinião, é um equilíbrio entre o *hard power* e o *soft power*.⁹⁸

Talvez se os Estados Unidos da América tivessem contrabalanceado os interesses nacionais e os interesses alheios (manutenção da paz e segurança internacionais) a guerra não teria acontecido.

⁹⁸ Nye também sugere este tipo de equilíbrio entre os poderes.

Em um mundo baseado na interdependência, os americanos não podem definir os interesses nacionais em termos domésticos ou internacionais isoladamente.

Os norte americanos colocaram seus interesses domésticos sobre os interesses coletivos da comunidade internacional. Todavia, compreende-se que a atuação hegemônica norte americana não se faz de uma maneira isolada, um multilateralismo hierarquizado explica melhor essa nova expressão de poder político, ou seja, para cada conflito, os Estados Unidos da América configuram uma coalizão que melhor atenta aos desafios existentes e aos seus interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLY, Hildebrando & NASCIMENTO E SILVA, Geraldo Eulálio do. **Manual do Direito Internacional Público**. 12ª edição. São Paulo-SP. Editora Saraiva, 1996.

ARAÚJO, Luis Ivani de Amorim – **Das organizações Internacionais**, Rio de Janeiro; Forense, 2002

CHOMSKY, Noam- **O que o Tio Sam realmente quer?**, UnB, 1992

COHEN, Benjamin V.- **United Nations**, Massachusetts- Harvard University, 1961

Diniz, Maria Helena. **Dicionário Jurídico v. I, II, III e IV**. Editora Saraiva – São Paulo- SP. 1998.

GALT, Tom, **Nações Unidas**, Rio de Janeiro, Bloch, 1955

JUNIOR, Gilson Fonseca - **Organograma das Nações Unidas**, Correio da UNESCO, volume 3 número 12 ,dezembro

JUNIOR, Gilson Fonseca - **A Cooperação Internacional das Nações Unidas-** Política Externa, volume 12 número 4 março/maio

KEOHANE, Robert O, **After Hegemony- cooperation and discord in the world political economy**. Princeton University Press. Princeton, New Jersey

KOTÉZ, Daniel Naum Sobral **Questão da Legalidade do Conselho de Segurança**

Larousse Cultural – **Grande Enciclopédia**. Nova Cultural. 1998.

NYE JR, Joseph S. **Conflicts after the cold war** The Washington Quarterly, 19(1), Winter 1996

NYE, Joseph, **Why the Gulf War served the National interest**, The Atlantic Monthly; july 1991, vol. 268 n° 1

NYE, Joseph. **Bound to lead**. New York: Basic Books. 1990

NYE, Junior Josephs- **O paradoxo do poder dos EUA- Por que a única superpotência do mundo não pode perseguir isolada**, São Paulo; UNESP, 2002

Rezek. José Francisco. **Direito Internacional Público** Curso Elementar 7ª edição, revista. São Paulo-SP. Ed. Saraiva. 1998.

SEITENFUS, Ricardo – **Manual das Organizações Internacionais**, Porto Alegre; do advogado, 2000

SINGH, Robert **Iraq and US National Security Strategy after 9/11**

STEVENSON, ADALAI E, **Os Estados Unidos na ONU: tempos de crise e esperança**, Editora Record, São Paulo, 1995

STOESSINGER John George. **O poder das nações e a política internacional de nosso tempo**. São Paulo, Cultrix, 1975

STRANGE, Susan. **State and markets: an introduction to international political economy**. New York: Basil Blackwell, 1988

STRANGE, Susan. **The retreat of the state: the diffusion of power in the world politics** Cambridge Cambridge University Press, 1996

TRINDADE, Antônio Augusto Cançado- **Direito das Organizações Internacionais**, Belo Horizonte; Del Rey, 2001

WELLINGTON, John- **United Nations- Handbook 2001**, New Zeland; Print Link,